

A ligação de Medeia ao mundo de Déia

Trechos da Medeia de Eurípides

Tradução autoral, a partir da versão em inglês de Gilbert Murray
(em domínio público, disponibilizada pelo Projeto Gutenberg).

O julgamento que recai sobre a figura mítica de Medeia, considerando-se o infame crime que *uma mulher* cometeu (executar os próprios filhos) ainda hoje se sente de maneira dramática.

Uma psicopata!, dirão alguns.

Tinha problemas mentais, consideram outros.

No entanto – e aí está o poder narrativo de um texto, ao confundir-se com os próprios temas que discute – pouco se debate sobre o meta-teatro que Eurípides propôs ao construir uma figura feminina tão complexa.

Quando Medeia resolve levar a cabo seu funesto plano para se vingar de Jasão, o público passa a testemunhar uma variedade de personas que revelam a mesma inteligente e arguta figura. Como apontou Trajano Vieira, *Medeia representa uma farsa e manipula seus interlocutores como personagens de seu teatro subjetivo*. O ato cruel, portanto, pode ser tomado a partir de seu comentário sobre o próprio teatro grego e como tradicionalmente o gênero justificou os feitos de seus heróis e heroínas trágicos.

Ao colocar a protagonista no centro de um debate sobre agência e desejo de uma mãe que se sentiu traída, Eurípides o fez com a habilidade de quem via nessa mulher não apenas uma personalidade ou característica, mas múltiplas Medeias – a que ama intensamente, a que toma consciência, a que envenena e a que liberta.

Esse processo de comentar a figura trágica e seu papel na sociedade pode ter acontecido à maneira de um piscar de olhos para a plateia, ou mesmo rindo-se do espectador que se chocaria com o crime mais bárbaro imputado à condição feminina seguido de um final em que Medeia foge em uma carruagem divina.



A ligação de Medeia ao mundo de Déia

Quando Déia (de Andréia), decide montar o espetáculo de Eurípides em condições limitadas (no bar onde trabalha, a Taberna do Dionísio), a atriz coloca em cena a multiplicidade de Déias que sua condição atual impõe: mãe solteira e num trabalho precário, jovem desejosa de ser escutada e amada, estrangeira saudosa do apoio familiar, artista que busca o contato humano.

Sem tempo para perder, Déia começa a perceber que as situações que vive, contrastadas ou superpostas à tragédia de Medeia, constituem uma atitude crítica necessária e divertida, culminando geralmente numa explosão de riso sobre o absurdo que perpassa os detalhes e as vivências do amor, da maternidade e do trabalho.

Ao rir-se da própria desgraça, a paradoxalmente simples e múltipla atriz ataca as dicotomias femininas ("piedosa ou louca?"), os falsos aliados da mulher contemporânea, e até mesmo o modelo de perfeição esperado dela. Déia é estrangeira, mãe, solteira, artista, empregada de mesa, e manipula as cenas da própria vivência para criar sentido a partir do riso e da comunhão do teatro. Isso não acontece como ela espera, afinal de contas há imprevistos e improvisos no mundo real.

Mas ao perceber que mesmo no seu pior momento ela é o que é, uma mulher e apenas *uma mulher* dotada de inúmeras faces e com inúmeras possibilidades, nossa heroína tragicômica na melhor das hipóteses criará uma narrativa original e inesquecível para si e para o público.

encenador
EDUARDO PRADO CARDOSO